

A FÁBRICA DA EDUCAÇÃO: da especialização taylorista à flexibilização toyotista

Por: Célia Cristina Pereira da Silva Veiga¹

ANTUNES, Ricardo; PINTO, Geraldo Augusto. A Fábrica da educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista. São Paulo, Ed. Cortez, 2017. 117 p.

A obra *“A Fábrica da Educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista”* relaciona dinâmica da gestão do trabalho e da produção desenvolvida pelos regimes de acumulação fordista-taylorista e toyotista à determinada concepção de educação deles decorrentes.

Ambos os autores são nomes importantes no estudo da Sociologia do Trabalho. Ricardo Antunes é professor titular de sociologia da UNICAMP, autor de *“Os Sentidos do Trabalho”*, editado pela Boitempo, dentre tantos outros, e Geraldo Augusto Pinto é professor de Sociologia da UTFPR, autor do livro *“A Organização do Trabalho no Século XX”*, editado pela Expressão Popular. O aprofundamento teórico dos autores permite uma abordagem clara e abrangente do conceito de trabalho em suas múltiplas interfaces. Para isso, os autores partem de uma perspectiva materialista histórico-dialética que permite a compreensão da relação trabalho/educação a partir das categorias: concreticidade, totalidade, historicidade, praxidade, cientificidade e complexidade.

O texto foi organizado em oito capítulos, sendo o primeiro capítulo dedicado à conceituação de produção e trabalho alienado, alinhando a relação entre economia e política como determinantes e determinadas para compreensão da

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Mestre em Educação e Licenciada em Pedagogia por esta mesma Universidade. Atua como professora substituta do Departamento de Educação e Sociedade do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ. É Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Política e Sociedade (GTPS). E-mail: celiacveiga@gmail.com

história humana. Nos capítulos dois, três e quatro, os autores descrevem o sistema taylorista e o sistema fordista, separadamente, até à organização do sistema taylorista-fordista na produção fabril. O capítulo cinco foi destinado ao desenvolvimento do sistema toyotista adotado para organização da empresa “enxuta e flexível”, como novo modelo para gestão da produção. Nos capítulos seis e sete foram relacionadas as concepções de educação alinhadas a cada um dos modelos de gestão: educação utilitarista e especialista para gestão taylorista-fordista e educação flexível e multifuncional “liofilizada” para gestão toyotista. No último capítulo, uma espécie de nota conclusiva, os autores apresentam outra possibilidade de educação como alternativa para as concepções de educação apresentadas. A “outra educação” possível é humanista, omnilateral, emancipada e livre, que serve para uma “escola de liberdade”.

O ponto de partida argumentativo utilizado pelos autores é a concepção de trabalho alienado que compreende os fenômenos do estranhamento e da exteriorização e se processa em quatro momentos: na ausência do autorreconhecimento do trabalhador no produto; na ausência de realização do trabalhador no trabalho; na ausência de autoconhecimento do trabalhador em sua individualidade e na ausência de reconhecimento do trabalhador no que diz respeito à sua humanidade. Esse trabalho alienado perverte a possibilidade de atividade produtiva consciente que é vital e essencial à própria condição de humano, tornando-a apenas meio de subsistência. Seguindo tal perspectiva, o trabalho alienado e “desantromorfizado” produz desumanização dos indivíduos.

A produção de riqueza na sociedade capitalista advinda da extração da mais-valia do trabalho excedente está fundamentalmente sistematizada na alienação. Para isso, o desenvolvimento da racionalização do processo produtivo contraditoriamente não parte da atividade racional do próprio trabalhador, mas, exatamente, da alienação desse. A racionalização é realizada pela gestão do trabalho a partir de organização realizada por agente externo e imposta ao trabalhador. Como se a consciência do trabalhador fosse tomada por ente externo para exercer o controle de seu corpo para organização de movimentos necessários à otimização dos processos para extração máxima da mais-valia. Isso depende da total submissão humana no processo de trabalho, para o quê sua consciência pouco vale, por isso, o taylorismo evoca a ideia de “gorila amestrado” como perfil adequado à produção e o fordismo aciona a ideia de mecanização dos movimentos do trabalhador no processo de produção. Na transição do modelo taylorista-fordista para o toyotista o processo de submissão do trabalhador é intensificado, pois não parte apenas do controle dos movimentos do corpo, mas

da promoção de certa pedagogia política para captura da consciência humana em favor do capital. Nesse modelo de gestão do trabalho, a alienação é “mais interiorizada, ainda mais complexificada” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 74).

O processo de racionalização do trabalho iniciado no modelo de gestão taylorista-fordista e complexificado no modelo toyotista explicita a demanda de educação para o trabalho. Enquanto o modelo taylorista-fordista concebe uma educação especializada e fragmentada, separando teoria e prática sob a perspectiva tecnicista e profissionalizante, o modelo toyotista concebe a flexibilidade como ponto de partida para multifuncionalidade necessária à máxima subsunção do trabalhador ao sistema de produção e reprodução da vida material sob a perspectiva generalista de formação enxuta, “volátil, superficial e adestrada” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 104). Embora, a educação do trabalhador no sistema do capital seja, necessariamente, utilitarista e pragmática, interessada em fazer do trabalho uma mercadoria adequada à extração máxima de lucro, a complexificação da concepção de educação oriunda da transição entre os modelos de gestão do trabalho transcende da fragmentação à flexibilização. E o que pode ser maior submissão que a flexibilidade total? Nesse sentido, a educação para o trabalho necessária à manutenção do sistema capitalista é instrumentalizada pelas exigências empresariais e “não poderá desenvolver um sentido humanista e crítico, que deve singularizar as *ciências humanas*; ao contrário, poderá concebê-las como decalque das *ciências exatas*, como um prolongamento residual quiçá desnecessário” (ANTUNES; PINTO, 2017, p. 104 – *grifo do autor*).

Um ponto alto da Obra consiste na escolha do tema e na epistemologia que serviu de perspectiva teórica e metodológica da análise, o que permitiu uma abordagem objetiva acerca da relação entre modelos de gestão do trabalho e da produção surgidos no desenvolvimento do sistema do capital no último século e da educação adequada a eles. Outro ponto alto consiste no resgate conceitual do trabalho alienado, na descrição pormenorizada dos modelos taylorista, fordista e toyotista, a partir de seus teóricos, e na crítica apresentada a esses modelos de gestão do trabalho e da produção. Entretanto, mereceria uma atenção um pouco mais ampliada a crise orgânica do capital que impulsionou a recomposição burguesa e desencadeou o desenvolvimento de um conjunto de estratégias para recuperar as bases de acumulação corroídas pelo esgotamento do modelo de desenvolvimento taylorista-fordista, o que gerou as condições objetivas e subjetivas para o modelo de desenvolvimento flexível do capital se estruturar. Para esta abordagem, foi dedicado apenas o primeiro parágrafo do capítulo cinco e, pela relação intrínseca da crise orgânica do capital com o surgimento do modelo

de desenvolvimento flexível, seria pertinente aprofundar um pouco mais tal abordagem. Todavia, esta lacuna não compromete o conteúdo da obra.

Embora os autores não tenham esclarecido sua escolha pelo título “*A fábrica da educação*”, é fato que a relação trabalho/educação está evidente em sua escolha. Nesse aspecto, a relação entre estrutura e superestrutura, entre produção e reprodução social da vida material e entre conflito de classe e hegemonia como elementos da práxis alinhavam a compreensão dos autores acerca do desenvolvimento de modelos de gestão fabril e sua relação com o desenvolvimento de concepções de educação para sociedade capitalista.

Justamente por ser um texto enxuto, de linguagem simples e, ao mesmo tempo, com profundidade analítica, “*A fábrica da Educação*” oferece ao leitor uma relevante contribuição à compreensão da relação trabalho/educação na sociedade capitalista contemporânea, provocando a reflexão acerca das contradições presentes nesse processo. Um texto claro, estruturalmente lógico e bem organizado, de modo que possibilita ao leitor o estabelecimento de relações precisas entre os movimentos no mundo do trabalho e no mundo da escola, deixando evidente que se tratam de um mundo só, o da produção e da reprodução social da vida material no capitalismo.

Além disso, a bibliografia utilizada é composta por teóricos importantes da Economia Política, da Sociologia e da Educação, possibilitando maior aprofundamento e suporte analítico no desenvolvimento do texto, permitindo ao leitor perspectivas concretas de ampliação de seu conhecimento a partir dos itinerários argumentativos ali apontados. Desse modo, a obra pode servir como importante instrumento na formação de nível superior na área de ciências humanas, em geral, e na educação, em particular. Para pesquisadores, docentes de ensino superior, graduandos e pós-graduandos que desenvolvem análises críticas na área da sociologia do trabalho, de trabalho e educação e de gestão de pessoas, “*A fábrica da educação*” certamente será uma leitura pertinente que abrirá novos horizontes para a compreensão da formação humana no capitalismo, bem como para a construção de perspectivas alternativas para elevar as condições de acesso dos trabalhadores ao conhecimento acumulado e suas tecnologias.

Enviado em 19/11/2017

Aprovado em 22/11/2017